



GIL VICENTE

Semanaria monarchico-integralista
(Literario e Noticioso)

Orgão e propriedade da

Junta Municipal de Guimarães

Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepolones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñalada
A uno de los rascos*
VAQUEIRO

Director:

D. José Ferrão.

Adm. e Editor:

Domingos F. Guimarães.

Comp. e Imp.: MINERVA BIBLIOTECA
Rua de Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARAES

VIVA A MONARQUIA

Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

CAMÕES («Lusiadas»).

Uma aspiração nacional se levanta e mais se ergue, condensando as liberdades de Quatrocentos, em que a boa tradição portuguesa se afirma, a impôr o respeito pelo passado para segurança do futuro.

O acordar do genio da raça, buscando o bastão de seu melhor apoio ante a derradeira ignominiosa, que o liberalismo cava em terras de Portugal, é o dia de hoje, tão povoado de visões terríveis onde se acendem alentos do Resgate.

Um estremecimento de horror pèrpassa ao olhar-se tanta victoria perdida, tanta gloria caída, que outras liberdades doutroa, liberdades genuinamente portuguesas, liberdades nacionais, subiram tanto no altar de Deus, que lhas baixou a Imortalidade de Portugal em sua benção.

Que tristeza pesada nos vem, ao olharmos em derredor, perguntando onde estão os exemplos de Tóro, que Alexandre Herculano não pode evitar sem admiração, exaltando o seu valor nessas liberdades que se abriam mais pelas concessões que os municipios iam usufruindo numa melhor representação duma região restricta.

Onde vemos hoje, neste ledoçal do ultraje, uma falanje gloriosa, olhando a morte e sabendo morrer devagar a atravessar ondas cerradas de moles mouriscas abatendo adagas assassinas sobre uma pleiade da Lenda e do Mistério, que Alcacer-Kibir emoldorou per secula seculorum?

Nem umas portas d'Alcantara se levantam num holocausto em que a Consciencia brilha. Os dragões de Chaves, onde vão ães nessa hora sublime em que preferem guardar a Memoria do seu Rei, a servir de lacaios a um lacão da Santa Aliança?

Os mortos de infantaria 17 de 1834 não servirão de espelho de abnegação, combatendo até ao ultimo homem contra a rendição a um serventuario d'Além-Fronteiras?

Povo que vos dizeis portu-

guês, não sabeis perguntar á terra que vos embalou a primeira hora, quais os encargos que vos exige o nascimento, os deveres que vos impõe a Patria?

Alguna cousa ha que vos defina como naturais de Portugal. Isto compreende-se sem ser preciso raciocinar um segundo, o que equivale a dizer que qualquer mediocre intelligência facilmente atinge.

Um povo define-se por um conjunto de razões que o tornam homogêneo: a crença, a religião, a indole, os costumes, a propria região, os interesses e necessidades permanentes ou transitorias, etc, que o uniu e ligou pouco a pouco, e fez depois sua definição em leis, leis que nasceram de si e por si e é necessário portanto restaurar em função do tempo pelas necessidades humanas.

Não é este charco imundo que padecemos, e se vem avultando desde 34, a Realidade Portuguesa. Isto é o resultado do estrangeiramento da nacionalidade, que só será extotado para bem longe pela Monarquia Restaurada quando este povo tiver em seu melhor culto a consciencia do seu dever—a Verdade Portuguesa em oração.

Já nos basta o legado luctuoso que nos fica neste dia de trevas em que as incertezas povoam o dia de Amanhã.

Vamos e depressa a restaurar os Municipios e as Corporações do Trabalho e da Intelligencia, e Portugal sairá das cinzas sem horas perdidas.

Só assim a Nação nos pertencerá de novo, como outróra, e se compreenderá, na sublimação do nosso esforço, a alma que nos alenta o brado de—Viva a Monarquia Restaurada!

Ponte e Souza.

INTEGRALISMO!

—escol magnifico de vontades e intelligencias moças ao serviço de uma ideia que é a imagem viva de Portugal liberto, emancipado, dignificado e redimido.

SINDICALISMO

Neste mar de ignominia e ambições baixas que constituem, presentemente, a vida politica no nosso país, costumam os nossos detractores apresentarnos umas vezes como absolutistas, pelo nesso apego á tradição, outras vezes servem-se do sindicalismo que arvoramos em nossa bandeira, para nos indisporem com a massa conservadora do nosso país, aquella que pelo seu fervoroso culto á conservação de utopias varias de variado jarg e feitiço, nada faz nem nada pretende deixar fazer.

Mas não nos importa a nós, sindicalistas não por utopismos leninistas da proclamada emancipação social, mas sim pela Verdade que nos vem, como fonte vivificadora dos ensinamentos do nosso passado, dos ensinamentos que, embora deturpados agora pelos corifus do liberalismo monarchico e republicano, nos vem da influencia que, junto de nossos Reis, tinha a Casa dos Vinte e Quatro e que pode considerar-se hoje como sempre o maior exemplo de dedicação dispensada pelos nossos Reis á organização metódica do trabalho e da produção, e, consequentemente, do engrandecimento economico do país.

Não existiam decretos autorizando o recurso á greve, é certo, mas existia o respeito mutuo entre o patrão e o operario; não existia a artilharia civil trazida e exaltada pelos homens da republica, mas existia sim o apêgo e o respeito á vida do semelhante numa compreensão nitida das palavras Divinas: não matarás mas sim amarás o teu proximo como a ti mesmo; não existiam proclamações revolucionárias instizando ao assassinio como meio de emancipação, nem grêmios onde se pervertessem consciencias, honra e caracteres. Havia sim o amor ao Trabalho, a Deus, á Patria.

É esse sindicalismo que nós proclamamos e havemos de restaurar. O sindicalismo em que exista a compreensão insofismavel dos deveres e direitos que a todos se impõem. Não vimos dizer-vos, ó operarios, que no nosso sindicalismo podereis matar impunemente, lançar bombas contra indefezas pessoas muitas vezes, a maior das vezes, inocentes, nem espalhar o odio e o terror na terra lusa. Não. Nós desejamos o sindicalismo para que a paz e benção de Deus se façam novamente sentir na Terra Portuguesa.

Ainda outros, na miragem de apontarem o nosso sindicalismo como importado do estrangeiro, como ães importaram o liberalismo, indicam-nos como discipulos de Valois, o autor admiravel de *L'Economie Nouvelle*, como se os ensinamentos da nossa historia não fôssem mais que suficientes para nos orientarem no nosso caminho de evangelização dos costumes.

Não, quixotescos pantomineiros liberalistas, republicos ou sociais, não sereis vós capazes



Uma estrela

*Pelos Ceus a correr, mui de fugida,
Em carreirinha pela eterca rota,
Vi a Linda estrela de Aljubarrota
A incensar de Fé a Raça esquecida.*

*Agora depressa, em brece corrida,
Lá ia em busca de nova derrota...
Altejava um amor que não se exgota,
Levando duma noiva, uma outra vida...*

*...E em misterio do ceu, abençoada,
A estrela linda já se me escondia.
Vinha a noute a rasgar-se em madrugada...*

*Saudade e Esperança em santa elegia...
Saudade duma amada consoada
Na Esperança fulgindo... doutro dia...*

Ponte e SOUZA.

de nos fazer trepidar nesta cruzada em que andamos empenhados para melhor futuro de Portugal, para melhor engrandecimento da nossa Terra e para melhor gloria da nossa Raça. O nosso sindicalismo de evangelização e paz h-de ser proclamado quer vós o queirais ou não, ó gatos pingados das utopias democraticas!

M.

A Exposição de Guimarães

«Para bem longe os pessimistas, bem ao largo as aves agoiradas que presagiam maus dias á Pátria!

Ha afirmações que não enganam, que são a própria essencia, a realidade palpavel do que ellas tem por objectivo.

Está neste caso a Exposição de Guimarães.

Ela encheu a minha alma de patriotismo da certeza plena de que a nossa raça revive, mais triunfante e gloriosa do que outróra, cheia de energia e vigor, ombreado com o que melhor ha no mundo de iniciativa progressiva, com o forte e continuo aneio de alcançar o cume da perfeição e beleza.

Aquella afirmação é uma realidade tão esrondosamente posta em fóco que não ha português que ali entre que não sinta o orgulho da raça, orvalhando os olhos daquellas lagrimas suaves que nos vem da alegria maxima que nos invade o coração ao contemplarmos a nossa propria obra, perene de beleza, em pleno triunfo, da certeza dum confronto vitorioso.

Pleno Minho, o concelho de Guimarães, com a sua formida-

vel exposição, quiz ampliar nos nossos sentidos o extasi e a comoção que nos invadiu ao percorrermos a região admiravel, cheia de vegetação luxuriante, em que assenta. O seu povo, os seus artistas, bradam alto que a colmeia vimaranense quer a Patria grande, forte, vigorosa—dando lhe o melhor do seu esforço, toda a pujança do seu cerebro, todo o carinho da sua alma!

É um belo, um formidavel exemplo que se recebe ao contemplarmos a exposição, que mais parece do pais inteiro, de que apenas dum concelho, tal a variedade e perfeição dos artigos expostos.

Todo o português deve ali ir reconfortar-se, para que a sua alma, cheia de duvidas, ensombrada por nuvens negras, saia dali lavada, em plena alegria da vida, apaixonada por tudo que a rodeia—em condições de gritar também o *leva arriba* da sua terra, da nossa Patria!

Devemos todos ir ali de romagem prestar o nosso culto a um povo que se soube dignificar, dando-nos o exemplo do quanto pode o amor ao trabalho e á terramãe. Mas lrmos, em função devota, com aquela religiosidade e amor com que se cumprem as promessas nos santos!

Sai de Guimarães satisfeito e convinto que era meu dever proclamar aqui a necessidade de toda a nossa gente visitar aquele formoso certamen.

Não se recebe sómente uma alegria intensa pelo muito e bom que se produz na terra portuguesa; recebe-se principalmente, uma bellissima lição que muito deve influir na economia da nossa vida caseira.

Ha ali artigos expostos que nunca nos foram vendidos como

nacionais. Atingiram tal grau de perfeição que nos impingem o artigo como estrangeiro para que maiores sejam a valorisação e o lucro.

Ora nós assim ficamos conhecendo o que se faz em Portugal — e daí o não darmos margem á exploração a que dá causa tudo quanto é estrangeiro.

Os povoenses congratulam-se com este triunfo do povo de Guimarães, a quem os liga laços da mais velha, leal e querida amizade.

A velha e gloriosa cidade do Minho — envio desta tribuna a minha mais quente, viva e calorosa saudação pelo seu incomparável triunfo!

Santos Graça.

O presente artigo que deixamos arquivado nas colunas do nosso jornal pertence ao nosso presado colega da encantadora Povoia de Varzim — «O Progresso».

É um testemunho honroso para a nossa terra, para esta Guimarães que tanto mais amamos quanto maior é o orgulho a dominar o fetiche do nosso modo de ser bairrista.

Ponham os olhos nessas palavras aqueles que, por desuido, ou falta de tempo, não tornam a maior ainda — e podia ser a sua duvida — a Exposição Industrial e Agrícola Concelhia.

O magnifico certamen, que milhares e milhares de almas admiraram, honraram e honram ainda com a sua constante permanencia, é o melhor e o mais gigantesco titulo de gloria a coroar legitimamente o vestido herco da Nacionalidade Portuguesa, a Terra de Afonso Henriques!

Apreciada, assim, a «exposição», que mais parece do paz inteiro, de que apenas dum conselho, tal a variedade e perfeição dos artigos expostos, os mestres, como os operarios, jamais deixarão — e não devem por sua honra própria — de mostrar em todos os tempos as suas qualidades de trabalho, o esforço do seu querer, a vontade de bem servirem a sua terra, enfim, todas as manifestações collectivas, que são a sua melhor virtude — como tambem o mais belo apanagio aos seus nomes.

Ao nosso illustra colega da Povoia de Varzim agradecemos as suas palavras de justiça, reconhecendo nos operarios, nos mestres, na industria e no commercio da nossa Terra — qualidades nobres de trabalho, de honradez e de patriotismo!

Ao sr. Santos Graça, grande bairrista poveiro, defensor estremo da sua linda terra natal, apresentamos, em nome do povo de Guimarães, que pela Povoia tem na sua alma viva simpatia, amizade franca e leal, mil obrigados.

«Ontem e Hoje»

I

A MARGEM DA VIDA DE LUIS DE CAMÕES

(Continuado do numero 31)

Achei-o apropriado tanto mais que tenho em vista descrever alguns episodios literarios dos tempos passados e modernos, principalmente a queles que acho mais importantes e mais valorosos, e comparar, no final da descrição isolada das diferentes mentalidades nacionais que tem o seu nome bem gravado nesse pedestal grandioso que é a Literatura Portuguesa, o ontem com o hoje, isto é, a literatura já elaborada e descrita com aquella que se encontra em formação, mas que apanhã constituirá um outro volume que anexo ao primeiro virã engran-

dear muito mais ainda as letras e a Literatura da Pátria Portuguesa. Tenho em vista apresentar ao publico — a quem peço benevolencia para alguma falta que venha a cometer — o melhor descrito possivel a vida e a obra das diferentes figuras literarias do nosso pais constitutivas daquilo a que eu chamo, e permitam-me a expressão — a ala dos literatos, prosadores e poetas. Depois, procurei descrever os diferentes movimentos literarios que se repercutiram e ecoaram em Portugal vindo orientar e influenciar os diferentes espiritos literarios avidos de guia, avidos desse desejo alguem que lhes viesse mostrar o caminho a seguir na elaboraçãõ das suas obras, produto da sua intelligencia e valor. Por isto se explica a razão do titulo de — «ONTEM E HOJE» E, para terminar, repito: não tenho em vista entrar em desenvolvidas considerações literarias, mas antes descrever duma maneira geral os diferentes factos rellaídos e tratados na Literatura Portuguesa. Ser ei orientado, pois, pela *est. da brevidade*.

Luis de Camões era descendente duma familia galiciana o que lhe não fez perder o amor pela Pátria que tanto engrandeceu com a sua pena privilegiada. Nasceu em Lisboa no ano de 1527. Estudou, riu e cantou — mas mais tarde soffreu. Frequentou a Universidade de Coimbra debaixo da protecção de seu tio o Prior D. Bento.

Em 1542 — data em que terminou os seus estudos — abandonou a Universidade, a Coimbra das tradições e das lendas, o Mondego que tanto estro lhe dera, retirando-se para Lisboa — a cidade do vicio, da orgia e do orgulho — que tão infeliz e desgraçado o tornára. Chegando ai, começou logo a frequentar a corte de D. Manuel, corte onde se encontrava D. Catarina de Ataíde, a mulher a quem ele cantou sob o anagrama de Natercia. Não podemos declarar duma maneira afirmativa que a Natercia de Camões era D. Catarina de Ataíde; para alguns, a sua Natercia era a Infanta D. Maria, filha de D. Manuel.

Acêrca deste assunto de importancia capital para a vida de Camões tanto mais que marca o inicio das suas desgraças, surgem opiniões diferentes e essencialmente contrarias não tendo ainda os criticos e investigadores literarios entrado num accordo, chegando a uma conclusão. Todos os esforços empregados tem sido inuteis. Se de um lado alguem se levanta para dizer que a Natercia de Camões era D. Catarina de Ataíde, outros se erguem para declarar que a sua Natercia era, não D. Catarina de Ataíde, mas sim a Infanta D. Maria, a *figura feminina de maior relevo e elevação intelectual e moral do seu tempo*. Mas, quer seja a primeira, quer a segunda a mulher amada de Camões, por agora apenas nos interessa, estudando um pouco da sua psicologia, averiguar, mostrar as desditas, os soffrimentos e as desgraças que esse amor infeliz acarretou para o poeta que amava e sofria.

Como tivesse um coração tão fragil que se embriagasse com o mais leve mormurio desse tão sensivel sentimento denominado amor e como essa fragilidade tivesse arrastado consequencias funestas para si, resolveu abandonar a Pátria e ir para a Africa como soldado.

Ai entrou em varios combates tendo perdido num deles contra os Arabes o seu olho direito.

Mas, sendo Camões um verdadeiro patriota, como se vê nos seus sonetos em que ele faz a critica dos roubos que toda a gente que ia para a India

— o centro das riquezas daquela epoca — levava como principal e unico objectivo, é de prever que ele tinha saudades da sua amada e querida Pátria, mas ingrata gente. E assim, passados alguns anos, temos do novo entre nós essa grande figura que muito honra e engrandece a Literatura Portuguesa. O que é certo é que Camões quando voltou da Africa já não foi tão bem recebido nem pelos cortezaes nem pelos populares que já o insultavam. Tendo ferido um creado da Casa Real, esteve preso durante um anno numa cadeia de Lisboa, indo depois para a India.

Bento Caldas.

(Continua.)

Integralismo Lusitano

«O NOVO PRINCIPE»

Os direitos do homem.

Capitulo I.

A LIBERDADE.

... prima mali labes.

Virgilio.

(Conclusão do numero 31)

Supponhamos, porém, muitos homens reunidos n'uma mesma sociedade. O individuo mais forte quererá sem duvida appropriar-se, á custa do mais fraco, de tudo o que poder causar-lhe satisfação, ou preencher as suas necessidades: o mais fraco resistirá; e, ou será assassinado pelo mais forte, ou se separará da sociedade. O mesmo irá acontecendo com cada hum dos outros membros della, até que todos sejam assassinados pelo mais forte, ou que a sociedade se dissolva, isolando-se os individuos que a compunhão. Loth e Abrahão (e erão homens justos!), por não poderem conciliar as suas pretensões encontradas, houverão de separar-se, tomando hum para a direita e outro para a esquerda.

A consequencia disto he que as idéas de sociedade e liberdade são contradictórias; e que huma vez constituida a primeira, fica necessariamente excluida a segunda.

Fallo aqui da liberdade no mesmo sentido em que a tomão os philanthropos da epoca; isto he, daquela liberdade que não póte deixar de ser hum resultado immediato da igualdade que pretendem estabelecer. Esta, ainda o repito, he absolutamente incompativel com a sociedade, e com as vantagens que della resultarão ao genero humano.

O primeiro grande objecto da sociedade, huma vez constituida, he a sua conservação; o segundo, a felicidade. Aquella supõe que nenhum dos individuos associados deve atacar a existencia dos outros; este, que tambem não deve offender a sua propriedade. Consideradas as cousas debaixo deste novo ponto de vista, estas palavras — *Direitos do homem* — tomão huma significação mais restricta. Os interesses de cada individuo já não podem ser verdadeiramente separados dos interesses dos outros homens; e os esforços que cada hum fizesse para o tentar, serião outros tantos actos de hostilidade geral que tarde ou cedo recahirão sobre a cabeça de seu autor. Assim, a ex-

pressão *Direitos do homem* já não exprime a faculdade que cada hum tem de pôr em acção todas as suas vontades; significa sómente a liberdade que tem cada membro da sociedade de procurar todas as suas vantagens sem prejudicar a existencia e propriedade dos outros. Não podendo, porem, nenhuma destas duas circunstancias verificar-se, quando a justiça ou injustiça das acções de cada hum para com os outros, isto he, a conformidade ou repugnancia dessas acções com o direito de as praticar depende do proprio inizo daquelle que as pratica, segue-se, como condição infallivel da sociedade civil, que ninguém seja juiz em causa propria. Cumpre que todos os membros da sociedade resignem huma parte dos seus direitos nas mãos de quem os administre e exercite para beneficio de todos. E com a differença entre quem julga e quem he julgado estabelece huma desigualdade essencial entre os primeiros e os segundos, segue-se que as idéas de sociedade e igualdade se excluem tão necessariamente, e são entre si tão contradictórias como as duas da sociedade e liberdade.

Se, depois da sociedade constituida, os individuos que a compõem pretenderem reivindicar os direitos que tinham resignado, o exercicio desta pretensão chama-se huma revolução; e o seu resultado, consistindo no restabelecimento da liberdade e igualdade primitivas, deve produzir a dissolução da sociedade pelas razões que acima ficão expostas. Logo, toda a revolução que tiver por objecto o restabelecimento dos primitivos direitos do homem he essencialmente absurda ou impossivel.

Se os que pensão d'outra maneira o dizem de boa fé, he porque não reparão que fazem huma abstracção, a que não póde corresponder em concreto nenhum objecto real. Confundem o homem da natureza com o homem da sociedade; e não reflectem que os direitos do primeiro hão de estar sempre em opposição absoluta com os direitos do segundo. E na verdade, a natureza obra sempre segundo o interesse do individuo; as leis sociaes segundo o interesse da sociedade: a natureza tende a satisfazer todas as vontades do primeiro; as leis sociaes a reprimi-las em beneficio da segunda; a natureza a separar; as leis sociaes a reunir. Por outras palavras: o homem da natureza dirige-se pelas suas in-

clinações; o homem da sociedade regula-se pelos seus deveres. Logo, querer conciliar direitos individuais e direitos sociaes, sem grande e essencial restricção dos primeiros, he um absurdo manifesto, ou antes huma leucura.

«Gil Vicente»

Já enviamos para o correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre do nosso jornal.

Esperamos, pois, de todos os nossos amigos e presados assinantes o seu pagamento, tanto mais que está vencida já a assinatura, pois terminou com o numero 26.

Ninguém ignora já h-je as inumeras e sempre crescentes dificuldades dum jornal de provincia principalmente nas condições do «Gil Vicente», que não defende clientelas politicas, nem faz o jogo da Finança.

O nosso jornal vive exclusivamente da dedicação dos seus amigos e dos seus assinantes. Assim, renovando o nosso pedido, esperamos dever a todos a fineza do pronto pagamento dos seus recibos, evitando-nos novas despezas com a mesma cobrança.

M. A. d'Oliveira

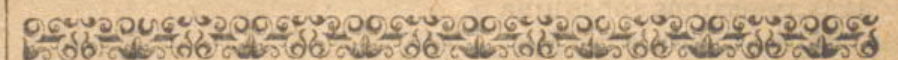
Na Povoia de Varzim, para onde foi passar uns dias, encontra-se o nosso amigo e dedicado camarada sr. Manoel Alves d'Oliveira, a quem desejamos boa saude para gosar as delicias do mar e as noites lindas do luar de agosto.

Férias

Em gôso de férias, estão, entre nós, os nossos conterraneos snrs. dr. Nicolau Gonçalves, intelligente professor; dr. Jerônimo Martins da Rocha, zeloso D. do P. da R. na visinha comarca da Povoia de Lanhoso; dr. João Fernandes de Freitas, laureado academico.

Festa Eucarística

Realiza-se hoje, na visinha freguesia de S. Torcato, uma Festa Eucarística, que pelo que nos dizem, promete attingir todo o brilho e imponencia.



CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.^{mo} Snr.